

VIOLÊNCIA COMO *MODUS OPERANDI*: O CINEMA ENQUANTO REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE SOBRE A DITADURA MILITAR 1964 - 1985, ANÁLISE FÍLMICA DE MARIGHELLA (2019)¹

Marlus Silva dos Santos²
Universidade Federal de Goiás - UFG.

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma análise do filme *Marighella*, buscando a partir daí, em uma perspectiva de se observar o cinema como um expositor da realidade, evidenciar nessa obra questões e problemáticas sociais diversas, enfatizando justamente o tratamento dispensado às classes representadas na obra estudada, que, dentro de um regime ditatorial, sofriam perseguição por parte daqueles que estavam no poder. Nesse sentido, a pesquisa tem como objetivo geral, associar questões ligadas ao filme *Marighella* às opressões relacionadas a ditadura militar.

PALAVRAS-CHAVE: Ditadura militar; Violência, *Marighella*; Representação da realidade.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como ênfase uma análise fílmica, pois será por ele que examinaremos como é contada a história da ditadura militar ocorrida no Brasil de 1964 a 1985, bem como a construção de significado. Apolinario (2012), deixa claro a importância de estudar o filme como um texto completo, sendo o mesmo analisado e compreendido dentro do seu contexto.

Nesta perspectiva, buscaremos então abordar a ditadura não do ponto de vista histórico, mas sim, utilizando o filme *Marighella* (2019), dirigido por Wagner Moura, para demonstrar características da época no que tange a representação de torturas, traumas e graus diferenciados de sofrimentos aos indivíduos.

Bordwell (1996) considera a compreensão da história como o principal objetivo de um filme.. O modo como um filme é visualmente apresentado não é apenas uma escolha estilística, mas tem implicações significativas para a interpretação e a experiência do espectador.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cinema e Audiovisual: análise fílmica e estilo cinematográfico, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

² Discente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGCOM-UFG.

Aumont e Marie (2003), apontam que a narrativa fílmica, é o mundo da ficção, os fatos relativos à história representada na tela, é diegético tudo o que supostamente se passa conforme a ficção que o filme apresenta, tudo o que essa ficção implicaria se fosse supostamente verdadeira, e no nosso trabalho, os comparamos com momentos históricos acerca do período recortado, buscando evidenciar o cinema enquanto representação da realidade.

O PAPEL DO CINEMA NA REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA

O cinema e as diversas representações associadas, apresentam-se como uma questão voltada para as vertentes que envolvem fontes históricas e contextualizações, isso frente as estratégias de ter a capacidade para representar aspecto da sociedade e períodos históricos que podem retratar os avanços ou retrocessos de uma nação como um todo.

Segundo Américo e Villela (2013), as produções cinematográficas podem estar diretamente ligadas a sentidos sociais e de movimentos como um todo, pois trás a tona uma série de novas concepções acerca de como e quando tais períodos podem ter ocorrido, envolvendo ainda, impactos sociais que os mesmos podem ter causado diante a vida em comunidade.

Navarrete (2018), afirma que é importante conhecer as produções associadas ao cinema, pois estas podem representar uma série de informações e fontes históricas associadas com a sociedade e os possíveis avanços ou retrocessos, criando meios para o analisar e identificar novas formas de situar-se na história.

Segundo as considerações de Oliveira (2011), a ditadura militar no Brasil foi base de muitos contextos e conflitos, as repreensões, aspectos de violência e as frustrações que muitos passaram nesse período, são marcas que até os dias atuais podem ser observadas na população, principalmente no que se refere às torturas.

Neste contexto conturbado, os militares eram a base para manter o controle da população e, se caso esse aspecto não fosse totalmente desenvolvido dentro de uma expectativa, vinham as punições, que eram muitas sem levar em conta o impacto que seria causado na sociedade.

ANÁLISE FILMICA

A presente análise serve de base para que venhamos a perceber, a partir do recorte,

conhecimentos associados as estratégias da análise fílmica, nesse interim, percebemos que “o cinema é um testemunho singular de seu tempo, pois está fora do controle de qualquer instância de produção, principalmente o Estado. Mesmo a censura não consegue dominá-lo” (Ferro apud Morettin, 2003, p. 13).

Logo, ao analisarmos o filme, enfatizaremos as contribuições que o cinema oferece para analisar o contexto, comparando a *mise en scène* com os acontecimentos históricos e os personagens envolvidos, se apresentando como meio e possibilidades de mais interações entre a realidade e a produção (Bordwell, Thompson, 2013).

Lançado no ano de 2021, Marighella, um filme biográfico, baseado na obra Marighella: O guerrilheiro que incendiou onde acompanhamos a história de Carlos Marighella e sua saga contra a ditadura militar de 1964. A violência no trato com as pessoas e o cotidiano das violações de direitos presente no *status quo*, Marighella e sua luta constante frente a ditadura militar, sendo figura social que despertou em muitos na época as novas concepções sobre a necessidade de lutar e buscar direitos humanos.

Desta forma, é importante salientar que, trata-se como uma produção cinematográfica bastante específica e que tem reflexos nas lutas contra as opressões diversas da ditadura militar, assim como de violência, o que é bastante retratado nas cenas e cenários que são trazidos no retrato do filme que é objeto de nossa análise.

Como um exemplo que pode ser evidenciado, a cena da prisão de Marighella no cinema, se torna fulcral para nossa discussão. Embora a obra de Wagner Moura contenha suas licenças poéticas na forma de se contar a história no longa-metragem, a cena da prisão de Marighella no Cine Esque-Tijuca, na capital do Rio de Janeiro por agentes do Departamento de Ordem Política e Social (Dops), realmente aconteceu, e é contida da mesma violência que pode ser percebida na “figura 1” contudo, com algumas diferenças.

Em Marighella (1995) a cena é narrada pelo autor e a mesma foi testemunhada pelas pessoas que estavam presentes no local, quando agentes invadiram o estabelecimento em maio de 1964. O filme apenas modificou o desenrolar do fato.

Marighella havia combinado de encontrar com Valdelice, a zeladora de seu prédio, na frente do cinema para conseguir pegar algumas peças de roupa, visto que estava desaparecido havia mais de um mês, em um período extremamente conturbado da história do país, em que ele estava sendo perseguido.

O mesmo notou que Valdelice estava sendo vigiada e o mesmo o teve que improvisar uma forma de escapar da tocaia armada. Contudo, ao invés de comprar os ingressos e entrar na sessão para se esconder, (como ocorreu de fato) na obra de Wagner Moura, Marighella

foge, adentra em uma sessão a qual estava escura, porém logo é encontrado pelo Dops.

Mas violência como *modus operandi* é retratada tanto historicamente quanto no filme, Marighella é alvejado por um disparo de revólver calibre 38, oriundo da arma de um dos agentes do governo envolvidos no fato, antes de ser alvejado, Marighella gritou “Matem, bandidos! Abaixo a ditadura militar fascista! Viva a democracia! Viva o Partido Comunista!” (Marighella, 2019).

Figura 1- Representação de cenas do filme Marighella



Fonte: Marighella (2019).

A disposição dos elementos visuais em uma cena pode reforçar temas, simbolismos e aspectos emocionais da história, nos levando a conhecer uma postura subversiva/opositora ao regime implementado em 1964. Nesta seara, Bordwell e Thompson (2013). destacam como a *mise en scène* não é apenas estilística, mas também está intrinsecamente ligada à narrativa.

O filme aqui trás um posicionamento de que realmente havia uma forma totalmente aguerrida e intensa para construir a ideia da luta política travada entre os integrantes da Ação Nacional Libertadora (ANL) contra os militares, por meio dos personagens, apontando o posicionamento de cada parte, uma tentando romper os paradigmas e o outro utilizando-se de seu *modus operandi*, manter o *status quo* iniciado em 1964.

Marighella queria passar a ideia de que, quem se opõe a ditadura militar e deseja resistir fazendo alguma coisa, mesmo pequena que a tarefa possa parecer, o faça. “Eu solicito isto porque, baixo qualquer teoria e qualquer circunstâncias, a obrigação de todo revolucionário é fazer a revolução” (Marighella, 2003, p.3). Esse discurso, essa ação, essa luta, deveria chegar ao povo de alguma forma.

E a forma com que esse discurso chegasse ao povo pode ser observada na obra analisada, momento em que Marighella juntamente com Bela, integrante da ANL, propagam

a fala do personagem em uma emissora de rádio de forma ilegal, por meio de um aparelho gravador, para fazer chegar o discurso de Marighella à população que vivia a censura imposta pelo governo militar no Ato Institucional n. 5¹, no governo do General Costa e Silva.

Como a censura não permitia que os veículos de comunicação emitissem mensagens que não estivessem de acordo com o crivo do governo e de acordo com que o governo delimitasse como certo, logo, a forma escolhida foi a observada na obra.

Figura 4: Cena do discurso na rádio.



Fonte: Marighella (2019)

Desta forma, o que percebe-se é que essa ação tinha o objetivo de jogar luzes às barbaridades e as violações que advinham dos militares e de grupos que estavam a serviço do governo, caso do Dops, tendo como integrante Lucio, (Bruno Gagliasso), que representa na história o delegado Fleury, envolvido em casos de tortura, repressão, mortes e todo tipo de violência, marcas do governo militar, acentuadas pelo AI 5.

E aqui se faz necessário um adendo para ressaltar que nossa reflexão não considera o filme apenas do ponto de vista semiológico, mas sim, o tratamos como um produto, uma imagem-objeto, cujas significações não são somente cinematográficas mas sim um objeto carregado de significado, trazendo em si um discurso histórico.(Berheim, 2010)

Logo, na obra analisada fica translucido aquilo que o presente trabalho busca evidenciar, pois pode se perceber na análise fílmica uma perspectiva histórica, mesmo se tratando de uma obra ficcional, e o *modus operandi* tanto do governo militar por meio de seus integrantes envolvidos no trato com os chamados de “subversivos” (grifo nosso), e quem estava subordinado a eles de alguma e demonstrar essa realidade em cenas do filme, é o que tratamos.

¹ O AI-5 imposto no governo do general Costa e Silva, deu poderes extraordinários ao governo, permitindo o fechamento do Congresso Nacional, a suspensão de direitos políticos, a cassação de mandatos, a censura prévia à imprensa e a detenção arbitrária de opositores. (Napolitano, 1998)

REFERÊNCIAS

- AMÉRICO, G. A.; VILLELA, L. B. R. CIRCUITO COMUNICACIONAL: O CINEMA NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA SOCIAL. *Revista de Teoria da História* Ano 5, Número 10, dez/2013
- APOLINÁRIO, Juciane Riacarte. **Cinema: historicidades, interpretações, representações e sensibilidades**. In: Burity, Iranilson. (ORG.). *Identidades e sensibilidades: o cinema como espaço de leituras*. Campina Grande, Paraíba: Eduepb, 2012.
- AUMONT, J.; MARIE, M. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Campinas: Papirus, 2003.
- BERHEIM, Ernst. **Metodologia da ciência histórica**. in: MARTINS, Estevão de Resende (Org.). **História pensada: teoria e método na historiografia do século XIX**. São Paulo: Contexto, 2010.
- BORDWELL, David ; THOMPSON, Kristin. **A arte do cinema: Uma introdução**. Campinas/São Paulo: Editora Unicamp/Edusp, 2013, 768 pp.
- BORDWELL, D. *La narración en el cine de ficción*. Barcelona, Buenos Aires, Cidade do México: Paidós, 1996.
- MARIGHELLA. MOURA, Wagner (dir.). Brasil, 1 filme (155 min), son., color. Legendado. Universal Pictures. 2019.
- MARIGHELLA, Carlos. **Manual do guerrilheiro urbano. Digitalizado em**, 2003.
- MARIGHELLA, Carlos. **Por que resisti à prisão**. São Paulo: Brasiliense, Salvador: EDUFBA, OLODUM, 1995.
- MORETTIN, Eduardo Victorio. **C cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. História: Questões & Debates**, Editora UFPR: Curitiba, n. 38, p. 11-42, 2003.
- MOURLET, Michel. *Sur un art ignoré – la mise-em-scène comme langage*. Paris, Ramsay, 1987.
- NAPOLITANO, Marcos. **O regime militar brasileiro: 1964-1985. Discutindo a História do Brasil**. São Paulo: Atual, 1998,
- NAVARRETE, E. C. O cinema como fonte histórica: diferentes perspectivas teórico-metodológicas. **Revista Urutagua – revista acadêmica multidisciplinar – DCS/UEM – ISSN 1519-6178 N° 16 – ago./set./out./nov. 2018 – Quadrimestral – Maringá – Paraná – Brasil**
- OLIVEIRA, L. **Ditadura Militar, Tortura e História** A “vitória simbólica” dos vencidos. RBCS Vol. 26 n° 75 fevereiro/2011